

ENTREVISTA COM PROFA. HENRIQUETA VALLADARES SOBRE MARIA THERESINHA DO PRADO VALLADARES



Professora Henriqueta segurando o livro "Theresa, Theresinha, Consuelo"



Fotografia de Theresinha

Interagir: Bom dia, profa. Henriqueta Valladares. Gostaríamos de agradecer muito a sua presença para nos contar um pouco sobre a história da profa. Maria Theresinha do Prado Valladares, que foi tão importante para a extensão na UERJ e, portanto, nomeia o Prêmio de Extensão da SR-3 e do Depext.

Profa. Henriqueta: Primeiramente, eu queria agradecer ao Departamento de Extensão da UERJ, à professora Cátia Antônia da Silva, à professora Poliana Arantes por terem me chamado até aqui para falar sobre a Theresinha Valladares, figura importante na UERJ. Eu valorizo muito o resgate da memória institucional, pois nós sabemos que há pessoas que construíram, ajudaram a construir tudo o que nós temos, a UERJ, que hoje nós também estamos ajudando a construir, então, é muito importante esse registro. Theresinha não está mais aqui, mas ao mesmo tempo está pela atitude de vocês. Então, eu agradeço muitíssimo. Nós não estamos nos esquecendo dela.

Interagir: Profa. Henriqueta, a sra. poderia nos contar um pouco sobre a trajetória da profa. Maria Theresinha Valladares na UERJ?

Profa. Henriqueta: Falar sobre a Theresinha é muito difícil pra mim e ao mesmo tempo é fácil, porque eu conheci muito bem Theresinha. Durante os três primeiros anos que eu cheguei à UERJ, a partir de 1982, ela já estava aqui no Instituto de Letras, no setor de Teoria da Literatura e, logo que nos conhecemos, ficamos muito amigas. Um dia o Maurício, filho dela, veio buscá-la e nós nos encontramos, namoramos e casamos. A Theresinha então me dizia o seguinte: se um dia você me chamar de sogra eu vou ficar muito triste, porque primeiramente nós não somos “sogra e nora”, nós somos amigas. Primeiro somos colegas de trabalho, depois nos tornamos amigas.

Falar dela também eu digo que é difícil, porque ela não está mais aqui. Escrevi sobre essa dificuldade num texto sobre ela publicado no livro “Theresa, Theresinha, Consuelo”, organizado pelo Departamento em que ela atuou, lembrando que Michel Foucault fala, no livro “A ordem do discurso”, em 1970, algo parecido com essa angústia: ele estava ocupando a cadeira de um professor, o Jean Hyppolite, que já não estava mais ali e, aquela ausência, causava pra ele certa aflição.

Falar de alguém que não está mais presente é muito complicado, mas nós precisamos falar, para registrar algumas coisas e eu penso “o que falar da Theresinha?” e “por onde começar?”. Eu comecei aqui pelo meu setor de teoria da literatura, pelo meu envolvimento com ela não como sogra e nora, mas como amiga e colega de trabalho, mas havia também muitas outras coisas, ela era avó das minhas duas filhas, Marias como ela.

Ela foi uma pessoa muito importante para a Universidade, não só pro Instituto de Letras, mas também porque ela foi assessora do Vice-Reitor à época, o prof. Ivo Barbieri. Foi também assessora dele depois como Reitor e também foi assessora da Extensão. Foram muitas frentes de trabalho, então nesse livro eu escolhi falar um pouco da Theresinha pelo viés acadêmico, não só dela como professora, mas também como escritora, porque poucas pessoas conhecem a produção científica da Theresinha, porque ela não registrava, ela publicava, mas não registrava. Ela escrevia divinamente bem, o encantamento que ela tinha com as pessoas – ela era uma pessoa muito carismática – ela também expres-

sava na escrita, que poucas pessoas conhecem.

Isso tem um pouco a ver também com a capa desse livro, cuja imagem é a de um bordado. O prof. Victor Hugo Adler, quando apresenta a Theresinha no livro, fala muito dessa relação entre o bordado e a escrita, inclusive porque o último texto que a Theresinha escreveu para um congresso intitula-se “Os bordados do tempo”.

A profa. Ana Chiara, que foi a organizadora desse livro e do evento em homenagem à Theresinha, nunca soube dessa relação dela com os bordados do tempo, a pesquisa dela era literatura-história, mas coincidentemente a capa remetia a esse texto dela. O texto discorre sobre o tecido entre literatura e história em que Theresinha cita como epígrafe uma frase de Machado de Assis: “o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada, nada em cima do invisível é a mais sutil obra desse mundo e acaso do outro.” O texto inicia-se assim: “Tecendo os fios entre literatura e história, entendemos que o tempo e os espaços culturais são verdadeiros mediadores na busca das verdades da ficção. A relação autor leitor é o caminho para a desconstrução dos mistérios da invenção. Os textos literários, fundamentalmente contos, deverão mostrar as transgressões à organização dos historiadores e a obediência a história, verdadeiro processo de formação do mundo. A história do ser humano tem se realizado através da violação da ordem e violação, entendendo-se o termo como meio de romper com a chamada “harmonia social” e imposta, pode ser violenta ou não, velada ou não, caracterizada imediatamente ou não”. (XXXXXX)

Só li esse trecho sobre “Os bordados do tempo” pra mostrar que já na introdução ela é muito inquietadora, reflexiva, questionadora, e esse vínculo, esse viés desses fios entre a literatura e a história, entre a literatura e a vida, entre a UERJ e a vida, ilustra um pouco a vida da Theresinha, como um bordado. Ela também bordava, sabia bordar, ela gostava muito de bordar, aprendeu ainda jovem com a mãe e eu acho que ela levou um pouco disso para a vida. Theresinha tinha uma personalidade forte, as pessoas não se esqueciam dela, até mesmo pela própria figura, porque ela era muito pequenininha, mas apresentava uma grandiosidade quando chegava aos lugares. Era uma figura marcante, seja pela personalidade, seja pelo seu modo peculiar de se vestir: ela usava saias mais compridas, roupas muito coloridas e sempre com muitos colares longos e coloridos.

Eu costumava brincar com ela ao dizer “isso tem o selo Theresinha!”. Ela realmente “imprimia” de certa forma a sua presença, por vários fios, como um bordado. Esses fios nos levam até a “UERJ Sem Muros”, pois ela tinha muito orgulho da UERJ, gostava muito desta Universidade: trazia os netos que vinham de São Paulo para passar as férias, minhas filhas também eram menores e ela marcava um dia de encontro pra mostrar os Departamentos, o que a UERJ produzia, o que a UERJ fazia de melhor, trazia para ver o esqueleto da baleia... Um dia ela disse: “eu trago meus netos pra cá, eles têm o privilégio de ver isso tudo, mas e as outras pessoas com netos, com filhos, que querem mostrar a universidade e não têm esse acesso? Eu acho que nós devíamos abrir as portas da universidade”.

Ela idealizou, então, em abrir a UERJ por três dias para o público externo, para acolher não só pessoas da família de funcionários, docentes e alunos da Universidade, como também os alunos das escolas municipais, estaduais, particulares, para quem quisesse vir e ver o

que a universidade produzia. E ela sempre disse que a UERJ tinha muito a oferecer.

Ela ficou viúva muito cedo, aos 44 anos, o marido dela também era professor, catedrático na época, não era o titular de hoje, de macroeconomia, Professor Mariano Prado Valladares da Faculdade de Economia, que morreu aos 54 anos. Depois que ela ficou viúva, a UERJ se tornou sua casa.

Muito do que ela fazia, não registrava, como eu já disse, acho que a única coisa que ela registra de fato no currículo é ser mentora da UERJ sem muros, ela tinha muito orgulho de ter sugerido essa abertura da universidade para as pessoas.

Neste emaranhado de fios que unem a UERJ e a Theresinha, há um muito especial que ela deixou quando fez 70 anos: uma carta para ser lida, pelos quatro filhos, depois que ela morresse. Ela confiou essa carta à Maria, uma funcionária da UERJ à época. Nesta carta ela fala muito da UERJ e pede que os filhos não falem com tristeza da morte dela para seus filhos (netos dela) e que sempre se lembrem dela brincando, sambando, implicando, gostando muito das coisas que ela fazia, da luz, das cores, da vida e da UERJ. Ela passou muito desse amor pela UERJ para os filhos e netos, pois todos amam este lugar; minhas filhas estudaram no CAP-UERJ, minha filha já fez o concurso e é hoje funcionária técnico-administrativa, continua amando a UERJ muito mesmo.

Atendendo a um pedido que Theresinha faz nesta carta de despedida, ela não foi vista em seu velório. Nós decidimos que a foto em que ela está no teatrão recebendo uma homenagem pela UERJ Sem Muros seria colocada no velório para que todos se lembrassem dela feliz, como ela pediu. Acho que ela ficou muito feliz com isso, primeiro porque todos a viriam de olhos abertos, pois ela não queria que a vissem de olhos fechados.

Há depoimentos sobre a vida da Theresinha que outras pessoas também podem fazer, mas eu me lembro muito do que a Theresinha fazia no Departamento de Extensão, durante a UERJ Sem Muros: ela gostava de chamar a Lia de Itamaracá e fazia aquela roda de dança, dançava e participava muito ativamente, não só como idealizadora, ela vivia, a cada apresentação do coral, a cada participação das pessoas da UNATI estava ela lá vibrando. Ela viveu muito a extensão, viveu muito a Universidade e nos últimos anos se dedicou mais à extensão, estando à frente do Departamento de extensão enquanto assessora direta da Terezinha Nóbrega e do Prof. André Lázaro.